



Fevereiro 2025

EDIÇÃO 01

BIG Notícias



Comitê de Bacia
Hidrográfica da
Baía da Ilha Grande





Com a palavra o presidente



Somos BIG e sempre seremos!

Chegamos ao fim de mais um ano e o sentimento é somente um: dever cumprido. Atravessamos grandes desafios, nos mantivemos unidos e com a certeza de que caminhamos para avanços extraordinários em prol da Bacia da Ilha Grande. Apenas em 2024, concluímos as obras de sanitários para Ponta Negra, Praia Vermelha e Aldeia Araponga, levando dignidade para diversas pessoas. É um marco na nossa história e trará diversos benefícios a longo prazo, tanto para a bacia quanto para quem vive em seu entorno.

Lançamos o edital do Sanear BIG, para identificação de áreas onde podemos atuar. Firmamos convênio com instituições renomadas, como a Fiocruz e a UFF (Universidade Federal Fluminense). Também ampliamos o monitoramento da nossa área de atuação, contratamos uma empresa de comunicação e tantos outros projetos foram executados com maestria pelo nosso colegiado e parceiros. Em 2025, continuaremos a articulação em prol dos projetos previstos no Plano de Recursos Hídricos e no PAAD, evoluindo na gestão e aplicando os recursos da cobrança nas ações previstas.

Como diretor-presidente, gostaria de agradecer a colaboração de todos e manifestar a minha imensa admiração pela nossa união. Este sentimento tão mencionado em festas de fim de ano, para nós, é rotineiro e faz parte do nosso DNA.

Feliz 2025, amigos!

Sigamos fortes e em prol do nosso maior recurso: **a água.**

PAULINHO TARITUBA

Diretor-presidente do CBH-BIG



Por Dentro Da Bacia

ONU-Habitat premia Comitê de Bacia Hidrográfica da Ilha Grande por programa de saneamento ecológico

O Comitê de Bacia Hidrográfica da Ilha Grande foi premiado pela ONU-Habitat no Concurso de Boas Práticas do Desafio dos ODS (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável). O anúncio foi feito em novembro, durante o evento Conexão 2030, realizado em parceria com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, na Zona Portuária do Rio.

A instituição foi premiada na categoria Integração Regional pelo programa de saneamento ecológico que viabiliza o tratamento de efluentes domésticos em áreas rurais e isoladas da Baía da Ilha Grande às comunidades tradicionais.

O projeto, que contou com parceiros como Fiocruz e prefeituras, busca reduzir a poluição hídrica, melhorar a saúde pública e capacitar as comunidades para autogerir seus sistemas de saneamento.



Mais de R\$ 3 milhões investidos na região nos últimos cinco anos

Nos últimos cinco anos, já foram destinados mais de R\$ 3 milhões em ações como saneamento (básico, ecológico e rural) e conservação da biodiversidade com impacto direto nas águas e qualidade de vida de moradores da região, como indígenas, quilombolas e caiçaras.

Ao longo de 13 anos de atuação, o BIG já esteve à frente de importantes projetos, como o Saneamento Ecológico da Aldeia Araponga, desenvolvido em parceria com o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS) e o Fórum de Comunidades Tradicionais e a Fiocruz. Essa iniciativa levou esgotamento sanitário adequado e tratamento de esgoto à aldeia indígena que fica em Paraty/RJ.

Outra ação de destaque é o esgotamento sanitário nas localidades de Japariz, na Ilha Grande e em Ponta Negra, ambos localizados em Angra dos Reis. Essas localidades, atualmente, não são atendidas pelo serviço público ou privado. A iniciativa irá levar esgotamento sanitário adequado e qualidade de vida a 181 famílias, cerca de 720 pessoas.

Balanço: fique por dentro das nossas entregas em 2024

Conclusão das Obras (Aldeia Araponga, Ponta Negra e Praia Vermelha)

Convênio com a FIOCRUZ- Saneamento Ecológico - Aldeia Sapukai

Convênio UFF (Bacia Escola)

Lançamento do Edital SANEAR BIG para identificação de Áreas

Contrato com a Danthi Comunicação

Ampliação do Monitoramento da RH I



O rio que eu vi

Eng. Cesar Bassi, diretor do Comitê de Bacia Hidrográfica da Baía da Ilha Grande

Banqueta: O mistério do rio que sumiu

O Rio da Banqueta e sua barragem desempenham um papel essencial no abastecimento hídrico de Angra dos Reis, fornecendo água para aproximadamente 60% da cidade. A Banqueta abastece regiões fundamentais, como o centro da cidade, Grande Japuíba, Balneário, Parque das Palmeiras, além de diversos morros e bairros adjacentes. Nessas áreas, concentram-se as principais atividades econômicas, sociais e comerciais do município, o que resulta em uma sobrecarga diária neste recurso. Mesmo assim, poucas pessoas sabem da sua importância e seguem acreditando que a água seja um recurso infinito ou que venha diretamente da torneira, uma utopia que não nos cabe mais. Se formos analisar friamente, a água não é utilizada somente para beber, temos o uso comercial, sanitário e tantos outros. Uma diminuição gradativa pode gerar questões humanitárias graves e todos os cenários são ruins, como o aparecimento de mais doenças.

Atualmente, a região está tomada por construções residenciais que crescem a cada dia, e o pior, desenvolvidas por cima do leito do rio. Para intensificar a questão, a população aumenta, o turismo se intensifica em determinadas épocas do ano e, conseqüentemente, a água se torna cada vez mais escassa. Não posso dizer, por exemplo, que nadei neste rio, mas o entorno mudou drasticamente. Trabalhei nesta região há 30 anos e já era um recurso sacrificado. No final de 2023, por conta de um programa de monitoramento que fizemos no CBH-BIG, precisei retornar ao local e tive uma triste surpresa: não se vê mais o rio, somente casas e a captação. O que estava ruim se tornou impraticável e, sem querer parecer alarmista, uma bomba relógio, com potenciais impactos críticos à sustentabilidade hídrica e ao equilíbrio ecológico da região.

Plantar árvores, recuperar mata, gastar menos água..., muitas são as formas de recuperar um corpo hídrico e preservar a fauna e flora. Ainda há tempo, sem dúvida. Costumo dizer que “água é igual dinheiro: ou você ganha mais ou gasta menos”. Você pode ganhar mais água? Sim. Com reflorestamento, por exemplo, mas ainda sim temos que gastar menos, ter um uso racional e um sistema de distribuição com menos perdas no sistema de abastecimento. Cada um tem que fazer a sua parte na sua casa, fechar a torneira, preservar áreas de recarga, reflorestar mudar o comportamento e a nossa relação com a água.

O plano diretor, o município, os cidadãos, toda a sociedade não podem mais conviver com essa situação, novos e velhos empreendimentos devem rever seus consumos e buscar fontes alternativas e inovação, o uso racional, combate ao desperdício reuso... Não quero parecer alarmista, mas a situação atual não pode continuar!

Quando os nossos pais ficam velhos, começamos a olhar tudo o que poderíamos ter feito antes. A gente sempre acha que eles estarão sempre disponíveis. O rio é assim. Ele está ficando velho, mas ainda dá tempo, não de aproveitarmos os últimos momentos, mas de recomeçar. O ser humano a gente perde, infelizmente, mas o rio dá para voltar. Ainda tem tempo de conviver de uma forma diferente.

A frase de Guimarães Rosa cabe bem aqui:



Liberdade, água e saúde a gente só dá valor quando se perde”. E eu coloco as nossas mães nesse contexto. Água, liberdade, saúde e mãe a gente só dá valor quando perde.”

Podem achar que estou apelando para o que há de mais sagrado para nós que são nossas mães, podem apostar que estou, a natureza é nossa mãe e os rios e uma fonte de expressão da natureza como nossas mães se doam a vida inteira por nós, só querem nosso bem, como os rios, vamos nos reencontrar com eles e seguir a vida juntos.



Povos da Bacia

Para inaugurar a editoria "Povos da Bacia", trouxemos uma caiçara que transforma algas em um projeto que une gastronomia, turismo pedagógico, cultura e sustentabilidade

Com a palavra, Aparecida Ayres, fundadora do Algas na Mesa Paraty.

1. Conta um pouco sobre a sua história?

Aprendi a cozinhar com minha mãe e meus ancestrais, preservando receitas e modos de vida que refletem a essência da nossa cultura. Hoje, vejo na culinária algácea uma forma de honrar essas raízes enquanto contribuo para um futuro mais sustentável. Minha trajetória é marcada pelo amor à terra e ao mar, e é isso que busco compartilhar por meio do Algas na Mesa Paraty e minha imensa admiração pelo meu maretório (o equivalente marinho de "território").



2. O que seria o Algas na Mesa Paraty?

Trabalhamos com a produção e transformação da macroalga *Kappaphycus alvarezii* em diversos produtos culinários e educativos. Comercializamos nossos produtos em eventos locais, como festivais gastronômicos, no nosso Restaurante na Praia de São Gonçalo (@RanchoAyres) e também em parceria com instituições públicas e privadas, levando o sabor e o potencial das algas a um público diverso.

3. A qualidade e quantidade de água na bacia impactam no seu produto final?

Sim, a qualidade da água é essencial para o cultivo das algas, pois são organismos altamente sensíveis às condições ambientais, como temperatura, salinidade e nutrientes. Qualquer desequilíbrio, como poluição ou mudanças abruptas, pode afetar diretamente a produtividade e a qualidade do nosso produto final.

Por isso, estamos sempre atentos à preservação da bacia, trabalhando com práticas sustentáveis e promovendo a conscientização ambiental na região, principalmente através da Associação de Moradores de São Gonçalo-AMOSG e do Coletivo de Turismo de Base Comunitária (TBC).



K. alvarezii no Mundo

A alga *Kappaphycus alvarezii* é originária da fronteira marítima entre Indonésia, Filipinas e Malásia.

Na década de 70, foi introduzida em inúmeras regiões tropicais para fins de pesquisa e maricultura com objetivo de desenvolver uma indústria de cultivo comercial e processamento. Atualmente é cultivada em mais de 35 países: China, Japão, Micronesia, Fiji, Kiribati, Belize, Zanzibar, Cuba, Madagascar, Maldivas, Índia, Moçambique, Panamá, Ilhas Santa Lucía, Equador, Chile, Peru, Brasil etc.



Você sabia?



Rafting no rio e no mar

Os municípios que constituem o CBH-BIG são ricos em atrativos relacionados ao turismo hídrico. Para os adeptos do rafting, o Rio Mambucaba, que corta o Parque Nacional da Serra da Bocaina, é um passeio imperdível. Com exuberante mata ciliar e rodeado por paredões de pedra, o trajeto de águas cristalinas também passa por cachoeiras intocadas e permite que o praticante comece o seu trajeto ao longo dos rios e chegue ao mar

Por questão de segurança, recomendamos que o passeio seja feito por um guia turístico. A região possui diversas agências que oferecem o passeio, que pode variar de R\$100 a R\$300, por pessoa.

Somos BIG diversos!

Você sabia que o território da Baía da Ilha Grande possui quatro grupos distintos de populações tradicionais? Além de Paraty e Ilha Grande serem reconhecidas como Patrimônio Cultural e Mundial da Unesco, também somos uma das regiões mais diversas do país, com 24,35 Km² e 15,43 Km² de a área total das terras indígenas e quilombolas, segundo dados da FUNAI (2018), do INCRA (2018) e do INEA (2015).

CONHEÇA ALGUNS POVOS QUE HABITAM POR AQUI:

- Terra Indígena de Paraty-Mirim, com 1,33 km² de extensão, abriga uma população de aproximadamente 171 indígenas do povo Guarani-M'Byá, localizando-se junto à estrada que dá acesso à praia de Paraty-Mirim (INEA, 2015);
- Terra Indígena de Araponga, que abriga mais 26 indígenas Guarani-M'Byá, situando-se na porção superior da bacia do Rio Paraty-Mirim, na Unidade de Conservação Parque Nacional da Serra da Bocaina, de Proteção Integral (INEA, 2015);
- Terra Indígena de Sapukai, em Angra dos Reis, a maior aldeia do estado. Segundo dados do Censo Demográfico de 2022, a comunidade é formada por 339 indígenas da Tribo Guarani;
- Comunidade Quilombola do Campinho de Independência, localizada no município de Paraty, englobando cerca de 80 famílias distribuídas em uma área de aproximadamente 2,8 km²;
- Quilombo do Cabral, próximo ao rio dos Meros, formado por cinco grupos de herdeiros, que convergem a três núcleos familiares principais;
- O Quilombo Santa Rita de Bracuí possui a menor extensão territorial, localizado em Angra dos Reis, em uma pequena porção de terra próximo à BR-101, palco de uma histórica luta fundiária que se dá desde a década de 60, contra grileiros e condomínios de luxo (INEA, 2015);
- Quilombo Alto da Serra do Mar, formado por 17 famílias. Sua maior porção se localiza no município de Rio Claro (RJ), com uma parte em Angra dos Reis, em um vale entre as serras da Casaca e do Sifrônio;
- Comunidades Caiçaras, como Ponta Negra, Tarituba, Aventureiro e Provetá, distribuídas, principalmente, na região litorânea da Baía da Ilha Grande. O grupo é caracterizado por uma mistura étnico cultural de indígenas, colonizadores europeus e escravos africanos.

*Dados do Plano de Recursos Hídricos da Região Hidrográfica da Baía da Ilha Grande.



Você sabia?

Faça parte do CBH-BIG.

Fique atento às datas das próximas reuniões!

Mês	Plenária	GAP	Diretoria Colegiada	CTM
Janeiro			16/01/2025	
Fevereiro	13/02/2025			
Março		13/03/2025	11/03/2025	20/03/2025
Abril	10/04/2025			
Maio			15/05/2025	
Junho	12/06/2025			17/06/2025
Julho		09/07/2025	03/07/2025	
Agosto	14/08/2025			
Setembro			18/09/2025	11/09/2025
Outubro	09/10/2025			
Novembro		04/11/2025	13/11/2025	
Dezembro	09/12/2025			

**CTM - Câmara Técnica de Monitoramento.

GAP - Grupo de Acompanhamento do Plano de Recursos Hídricos.

Fique atento!

A alta temporada está chegando e a capacidade de carga de abastecimento de água e tratamento de esgoto são impactados drasticamente. Fique atento e economize água! Pequenas atitudes podem ajudar a manter nossos recursos para estas e próximas gerações.

Gostou do informativo?

Siga o CBH-BIG no Instagram (@cbh_big) e no Facebook (Facebook/cbhbig).